

Ponte para o Futuro ficou pela metade e não leva a outro lado do rio, diz Franco

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

O Ponte para o Futuro, plano apresentado pelo MDB no contexto do impeachment da ex-presidente da República Dilma Roussef, era um projeto "interessante na teoria", mas que fracassou, afirmou nesta quinta-feira, 21, o economista Gustavo H. B. Franco, ex-presidente do Banco Central (BC) e estrategista-chefe da Rio Bravo Investimentos. Segundo Franco, que assessora o Partido Novo para a elaboração do programa de governo para a economia da candidatura de João Amoêdo, ao criar o teto constitucional para os gastos públicos, mas fracassar na aprovação da reforma da Previdência, o plano ficou pela metade. "Uma ponte pela metade não nos leva ao outro lado do rio", afirmou Franco, em palestra durante seminário promovido pelo Banco Mundial e pela EPGE, a escola de economia e finanças da Fundação Getulio Vargas (FGV) no Rio. Franco também defendeu um ajuste fiscal rápido na economia. Mais cedo, no mesmo seminário, o economista-chefe do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe, Carlos Vegh, defendeu um ajuste fiscal gradual. O ex-presidente do BC lembrou que, em relatório divulgado em novembro, o Banco Mundial identificou o equivalente a 8,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em despesas públicas pouco eficientes e improdutivas. Ainda assim, ao sugerir que esses gastos sejam cortados ao longo de dez anos, o Banco Mundial foi "gentil". "Não precisa ser tão gradual assim", afirmou Franco. O economista destacou que a elevação de gastos e a piora do desequilíbrio fiscal se agravou a partir dos governos Dilma e de forma rápida. "Já que a piora foi feita de forma rápida, por que não fazer a melhora de forma rápida?", disse Franco, defendendo um ajuste em forma de choque. Agência Estado Segundo Franco, que assessora o Partido Novo para a elaboração do programa de governo para a economia da candidatura de João Amoêdo, ao criar o teto constitucional para os gastos públicos, mas fracassar na aprovação da reforma da Previdência, o plano ficou pela metade. "Uma ponte pela metade não nos leva ao outro lado do rio", afirmou Franco, em palestra durante seminário promovido pelo Banco Mundial e pela EPGE, a escola de economia e finanças da Fundação Getulio Vargas (FGV) no Rio. Franco também defendeu um ajuste fiscal rápido na economia. Mais cedo, no mesmo seminário, o economista-chefe do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe, Carlos Vegh, defendeu um ajuste fiscal gradual. O ex-presidente do BC lembrou que, em relatório divulgado em novembro, o Banco Mundial identificou o equivalente a 8,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em despesas públicas pouco eficientes e improdutivas. Ainda assim, ao sugerir que esses gastos sejam cortados ao longo de dez anos, o Banco Mundial foi "gentil". "Não precisa ser tão gradual assim", afirmou Franco. O economista destacou que a elevação de gastos e a piora do desequilíbrio fiscal se agravou a partir dos governos Dilma e de forma rápida. "Já que a piora foi feita de forma rápida, por que não fazer a melhora de forma rápida?", disse Franco, defendendo um ajuste em forma de choque. Agência Estado